

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: um debate necessário

NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Porto, Portugal: Ed. Porto, 1995.

Aída Maria Monteiro SILVA¹

A temática da profissão docente tem sido objeto de grandes debates, particularmente nas últimas décadas devido, por um lado ao processo de expansão do ensino nos seus diferentes níveis, à qualidade da formação docente que não tem correspondido às necessidades dos sistemas de ensino, à desprofissionalização do exercício da docência e, por outro lado, à ampliação do movimento organizativo da categoria.

O livro *PROFISSÃO PROFESSOR*, organizado por Antônio Nóvoa, sob a forma de coletânea, apresenta textos de vários autores de Instituições da Europa, trazendo uma grande contribuição no aprofundamento desses debates, ao discutir os dilemas atuais da profissão docente e explicitar, a partir da década de 90, os processos de exclusão dos professores, no quadro de uma redefinição que tende a modificar as funções sociais e os papéis profissionais que tradicionalmente lhes eram atribuídos.

Os textos de Nóvoa - *O passado e presente dos professores*; o de J. Gimeno Sacristán - *Consciência e ação sobre a prática como libertação dos professores*; e o de José M. Esteves - *Mudanças sociais e função docente*, centralizam as discussões na problemática mais específica da profissionalização, enquanto que os textos de Daniel Hameline - *O educador e a ação sensata*; o de Peter Woods - *Aspectos da criatividade do professor* e Maria Helena Cavaco - *Ofício do professor: o tempo e as mudanças*, apresentam contribuições que ampliam essas discussões, a partir de elementos como:

1. Professora da Universidade Federal de Pernambuco e Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP.

as mudanças sociais na vida do professor, a ação sensata do ensino e o desenrolar da vida profissional e pessoal do docente.

Nóvoa faz uma análise do processo histórico da profissionalização docente em Portugal, contextualizando-o a partir da realidade europeia, no Século XVIII. Essa época foi marcante para a história da educação e da profissão docente, quando buscava-se esboçar o perfil do professor ideal, consequência do movimento de estatização do ensino - substituição do corpo de professores religiosos por um corpo de professores laicos -, sem mudar significativamente as motivações, as normas e os valores originais da profissão docente.

Observa-se assim, que a gênese da profissão docente está nas congregações religiosas e são estas que configuraram um corpo de saberes, de técnicas, de valores e de normas específicos desta profissão.

O processo de estatização da profissão, no final do século XVIII, instituiu os professores como corpo profissional - estabelecimento de seleção e de nomeação dos professores, exigência de licença ou autorização do Estado para ensinar, define competências técnicas para orientar o recrutamento dos professores e para delinear a carreira docente.

Mas, é no século XIX que surgem as instituições de formação, como interesse do Estado e da conquista dos professores. Estes ocupam lugar de produção e de reprodução do corpo de saberes, do sistema de normas da profissão e da elaboração dos conhecimentos pedagógicos. É também nesta época que as Associações Docentes são criadas, apresentando reivindicações: melhoria do estatuto, controle da profissão e definição da carreira.

Nóvoa destaca que esse processo de profissionalização é repleto de lutas, conflitos, hesitações, recuos, pelo conjunto dos seus atores: professores, Estado, igreja, família. É também marcado por poucos consensos e muitas divisões, principalmente até o início dos anos 20.

Nas últimas décadas, evidenciam-se processos de desprofissionalização, devido principalmente a: expansão escolar, aumento do pessoal docente, incertezas sobre as finalidades e o papel da escola; surgimento de correntes pedagógicas destacando-se a desescolarização, a educação permanente e a consolidação dos especialistas pedagógicos colocando à margem a competência dos professores. Esses processos tiveram como consequências: desmotivação pessoal, abandono da carreira e insatisfação profissional.

Gimeno Sacristán amplia a discussão da temática da profissionalização, a partir da tese de que há necessidade de desenvolver a profissionalidade dos professores no contexto de uma maior qualidade de ensino e para isto é preciso compreender as "práticas" nas suas diversas configurações. Remete o debate sobre os fins e as práticas do sistema escolar, buscando compreender os diversos contextos que definem a prática educativa e a atuação do professor.

A profissionalidade é entendida, por este autor, como o específico na ação docente: comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. Do ponto de vista sociológico, a profissão professor é vista como uma semiprofissão, quando comparada com as profissões liberais clássicas.

Para Sacristán, algumas condições são estabelecidas para a existência da profissão e da prática docente: 1 - Base social do professor; 2 - Definição social da função do professor; 3 - Uma profissionalidade dividida; 4 - Regulações técnico-pedagógicas da prática docente. A profissionalidade manifesta-se através de uma diversidade de funções, que provoca uma profusão de saberes.

Este autor, ao referendar Hoyle (1987), mostra que seis fatores determinam o prestígio relativo da profissão docente: a) origem social do grupo-classe média e baixa; b) tamanho do grupo - numeroso, dificultando a melhoria salarial; c) predominância de mulheres e estas são socialmente discriminadas; d) a qualificação acadêmica - nível médio para professores de 1ª a 4ª série do 1º grau; e) o status dos clientes; f) a relação com os clientes - não é voluntária, mas baseada na obrigatoriedade do consumo do ensino.

Os critérios, de definição do status da profissão docente, evidenciam que os professores não usufruem de uma posição social elevada e a imagem social interfere na escolha da profissão. O que se tem assistido é um processo de proletarianização do professor.

Para Sacristán, o ensino é uma das principais atividades da docência, entendendo-o como uma atividade racional ou reflexiva, ou seja, um fazer em que se mede cada passo dado e cada opção é fruto de um processo de deliberação.

José M. Esteves analisa a situação atual do professor, buscando verificar, através do processo histórico, quais as mudanças sociais que transformam o seu trabalho, sua imagem social e ainda o valor que a sociedade atribui à educação. Ele, ao mesmo tempo, busca oferecer aos professores subsí-

dios para uma reflexão sobre o trabalho docente e as formas de adaptação às mudanças que a sociedade exige.

Segundo Esteves, os anos 70 apresentam mudanças radicais no campo educacional. Estas surgem em momentos de desencanto da sociedade com a educação e dos professores em relação a sua profissão, contribuindo para a degradação da imagem social do professor. Um dos motivos dessa degradação foi a passagem de um sistema de elite para um sistema de massa, o que implicou no aumento quantitativo de professores e alunos e no surgimento de novos problemas qualitativos, requerendo outras competências para o exercício da docência.

Por outro lado, a aceleração das mudanças sociais, destacada por Alvin Toffler (1972) in Esteves, onde o mesmo define como "o choque do futuro", pode ter como consequência o desajustamento do indivíduo, quando este perde as referências culturais conhecidas.

É neste contexto que Esteves preocupa-se em verificar como os professores podem enfrentar essas mudanças, quando muitas vezes são obrigados a fazer mal o trabalho e serem responsabilizados pelas falhas do sistema de ensino, ocasionando o que Esteves chama de "mal estar docente" - conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social.

Alguns fatores são colocados como elementos de mudança: aumento das exigências em relação ao professor; inibição educativa de outros agentes de socialização; desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; ruptura do consenso social sobre a educação; aumento das contradições no exercício da docência; mudança de expectativas em relação ao sistema educativo; modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo; menor valorização social do professor; mudança dos conteúdos curriculares; escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho; mudanças nas relações professor-aluno; fragmentação do trabalho do professor.

E diante dessas mudanças, os professores apresentam algumas atitudes: crise de identidade - contradição entre o eu real (o que eles são diariamente nas escolas) e o eu ideal (o que eles queriam ser ou pensam que deveriam ser).

E como preparar o professor para enfrentar as mudanças sociais? Para Esteves, é necessário: fazer um planejamento preventivo que retifique os erros e incorpore novos modelos no período de formação inicial; articular estruturas de apoio aos professores com o objetivo de ajudá-los a assimilarem as profundas

transformações que se produziram no ensino, na sala de aula e no contexto social que rodeia a escola.

Hameline, Woods e Cavaco, reforçam a defesa da prática educativa reflexiva como orientação da formação do docente.

Hameline chama a atenção para a ação do educador, mostrando que esta é sempre um processo de instrução, no sentido da ação enredada, ou seja, quando é uma ação entrelaçada nos diferentes tipos e formas de conhecimentos. Consiste em momentos de atar e desatar nós, enquanto um entrelaçar enredado das causas e efeitos do conhecimento.

Este mesmo autor defende que a ação educativa deve privilegiar as ações consideradas sensatas, isto é, aquelas que tornam inteligíveis o que fazemos. O percurso da ação sensata passa pela promoção do ator, enquanto conhecedor da sua ação. Isto permite ao educador explicitar o seu fazer pedagógico.

Para Woods, a prática reflexiva requer a formação do professor criativo, sendo este entendido como o que possibilita a inovação, enquanto introdução de algo novo na sua ação e na do aluno. Cada situação de ensino é única e como tal os professores podem fazer uso da sua criatividade, para resolver questões mais diversas levantadas pela complexidade, incerteza, instabilidade e conflito de valores na sala de aula.

Assim, a inovação pertence ao próprio professor, que se encontra no cerne da atividade educativa. Nesta situação, o professor tem uma certa autonomia e controle do processo de trabalho, que lhe permite assumir uma atitude reflexiva. No momento em que os professores são capazes de produzir algo inovador, isto provoca uma satisfação pessoal que repercute positivamente no trabalho.

Segundo esse autor, os atos criativos trazem mudança, e para que este processo aconteça, é importante o professor estar sintonizado culturalmente com os seus alunos, o contexto sóciopolítico e os pais, para que o mesmo possa fazer as relações com o processo de ensino de forma inovadora e motivadora. Isto requer um constante olhar sobre a sua prática e o resultado do ensino, na perspectiva da formação reflexiva.

Cavaco amplia esses trabalhos com reflexões sobre o que é ser professor, ao estudar o desenrolar da vida pessoal e profissional de diversos docentes do ensino secundário em Portugal. A pretensão dessa autora era de compreender o professor como pessoa, na estrutura de relações onde produz e onde se produz, na sua relação com o mundo, com a História e com a sua própria história.

Fica evidenciado neste estudo, a importância da troca de saberes profissionais através da experiência, na interação com os outros, resolvendo problemas, enfrentando situações, refletindo as dificuldades, os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder. É neste processo, que a identidade do professor se afeiçoa, através da apropriação de competências profissionais, bem como pela interiorização de normas e valores que regulam a atividade e o desempenho do papel do professor.

O conjunto dos estudos apresentados, embora parta de uma realidade educacional européia, muito se aproxima das questões sobre a formação docente no Brasil. Fica evidente a necessidade de se repensar a profissão do professor, motivada, principalmente, pelo avanço das diferentes áreas do conhecimento, o que vem a exigir novas formas de construção do saber. Nesta perspectiva, a formação do educador não pode ter como prevalência a acumulação de informações. É imprescindível que o mesmo passe a ser o construtor do seu próprio conhecimento, numa perspectiva crítica e reflexiva, condição essencial para fortalecer a formação docente e a profissionalização do professor.

*(Recebido para publicação em 25.II.96
e liberado em 10.03.97)*